

PEQUENA COLEÇÃO DE AUSÊNCIAS

José D'Assunção Barros¹

Vocês que ostentam carros importados,
E pescoços cheios de colares...
Os senhores, que guardam em cada adega
Vinhos tão antigos quanto caros
E as senhoras, que consomem tais fortunas
Como se fossem goles d'água...

Podem rir nas suas festas

Riam!!

Mas é certo que não têm

Algo que só eu tenho

Tenho uma pequena coleção de *ausências*

Brutais, cínicas ou delicadas.

Rebeldes, elas se acham desalinhas

No meu vasto galpão de memórias.

Não são tantas (já nem brigam por espaço),

Respeitam-se, uma às outras

E tocam-me todos os dias

Como suaves pingos amargos

Tenho por exemplo a falta daquela morena

Com seu estonteante corpo de sereia...

A mesma que me olhou esticado

Na inquieta mesa de um bar

E que eu deixei escapar dos meus braços

Antes mesmo de segurá-la

Ah, como esta ausência me corrói!

Como queria ter tocado

As madeixas de cabelos negros

A pele macia, os lábios – ser seu herói.

Como queria ter ouvido a voz

Que se esconde por trás do olhar.

Esta ausência, de corpo e voz,

É como um álbum antigo, sem retratos.

Sinto tanto esta ausência

Como a das três loiras que por mim passaram

Cada uma no seu próprio tempo, em seu próprio espaço.

Duas me olharam – uma de frente, uma de lado –

Mas a terceira... tocou-me o ombro

Com o cotovelo assanhado

Como teria sido

Com cada uma delas?

Que movimentos não faríamos?

Quantos *kama sutras* não reescreveríamos?

Que acordes não somaríamos

À Harmonia Celestial?

Mudando de departamento

– Para a sessão das coisas abstratas –,

Tenho ali no canto, tímida e desencantada,

A resposta altiva e desaforada

Ao insulto infame!

Como não a dei, ela agora está ali

No cantinho dos cantos e desencantos...

Não mais desaforada,

Mas de todos desconfiada;

Não mais altiva,

Mas temerosa e hesitante

E que dizer daquela ali,

Andando de um para o outro lado?

É a piada que não contei!

Como todos teriam rido...

E hoje, eu teria comigo,

Todas as gargalhadas.

Mas o que tenho, é a velha piada

Andando de um lado ao outro,

Resmungando sem graça,

Confusa e consternada...

Senhora! Peço-lhe perdão,

Minha boa e velha piada!

Olhem agora aquela pedra preciosa:

O saxofone que não comprei!

Com ele iria tocar as mais belas melodias

Que hoje me faltam também.

(Elas ecoam por dentro

Do meu teatro de memórias;

Mas não as ouço,

A não ser como sombras pálidas,

Senão como doce ausência)

Senhoras e senhores,

Fiquem com seus pescoços importados,

Com seus carros envoltos por colares!

Que se danem as adegas

De suas batalhas conjugais!

Somente, deixem-me em paz,

Com minha morena e minhas loiras,

Ao som do meu solo sax.

Deixem-me com minha boa velha piada,

Junto à resposta desaforada.

Deixem-me!

Com minha pequena coleção de ausências...

*Recebido em 11 de julho de 2021.
Aceito em 27 de setembro de 2021.*